

A canção do outro que sou eu:

A viagem iniciática de Milkman, em *Song of Solomon*, de Toni Morrison¹

João de Mancelos

(Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Universidade Católica Portuguesa)

Palavras-chave: Viagem iniciática, ancestralidade, Toni Morrison, *Song of Solomon*

Keywords: Initiation journey, ancestry, Toni Morrison, *Song of Solomon*

“[Initiation] is a fundamental existential experience because, through it, a man becomes able to assume his mode of being in its entirety.”

— Eliade, Mircea. *Rites and Symbols of Initiation*, 1958.

1. Ritos de viagem

A diáspora é um elemento marcante da História e da identidade afro-americanas: desde a travessia do Oceano Atlântico nos navios negreiros, até à *Great Migration*, nas primeiras décadas do século XX, quando milhares de negros rumaram às metrópoles do norte. Inevitavelmente, a música e a literatura refletiram e mitificaram esta jornada, enriquecendo a cultura dos Estados Unidos. Obras de Jean Toomer, Zora Neale Hurston, Alice Walker e Toni Morrison reveem padrões apresentados nas narrativas de escravos do século XIX, entre os quais se destacam a viagem de *ascensão* e a de *imersão*. No primeiro caso, o indivíduo deslocava-se para o norte, ora fugindo dos linchamentos, ora procurando melhores condições de vida em cidades como Chicago, Nova Iorque ou Cleveland (Tindall e Shi, 1999: 1437). Na segunda situação, o negro regressa ao sul, por vezes em busca das raízes, e torna-se num membro permanente da comunidade, quando aí fixa residência, ou temporário, se está apenas de visita (Kubitschek, 1998: 79-80).

Inserido nas narrativas de imersão, *Song of Solomon* (1977), o terceiro romance da escritora afro-americana Toni Morrison, descreve o percurso de Milkman Dead, de uma cidade não especificada do Michigan rumo ao sul: Danville, na Pensilvânia, e Shalimar, na Virgínia. De início, a viagem deste negro assemelha-se a uma mera aventura: Milkman intenta descobrir o ouro de um garimpeiro, supostamente roubado pela sua tia, a enigmática Pilate Dead, e escondido numa gruta, ao longo de vários anos. No entanto, em breve, a jornada assemelhar-

¹ Mancelos, João de. “A canção do outro que sou eu: A viagem iniciática de Milkman, em *Song of Solomon*, de Toni Morrison”. *Textos e Pretextos: Revista do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa* 13 (outono/inverno 2009): 34-43. ISSN: 1645-0617

se-á menos a uma odisseia e mais a um ritual: Milkman submete-se a uma aprendizagem constante e árdua, que implica descer a uma caverna assustadora, participar numa caçada e descobrir o mistério que se oculta numa canção infantil.

Ao mesmo tempo, a sua perspicácia e inteligência são postas à prova, já que o explorador terá de reunir as várias pistas que o podem conduzir ao tesouro do garimpeiro. Trata-se de outra viagem, de ordem mental, onde os atalhos proporcionados por informações importantes, o cruzamento de ideias, os becos sem saída de algumas hipóteses, e os caminhos da dedução conduzem o explorador ao seu destino. À medida que encaixa as peças do *puzzle*, tanto o jovem como o leitor despertam para uma realidade mais complexa e surpreendente do que antecipariam. Milkman não descobre um tesouro *material*, mas sim algo profundamente mais valioso: a conturbada história dos antepassados e, concomitantemente, a sua identidade no contexto da família, em particular, e da etnia afro-americana, em geral.

Neste artigo, exploro as várias etapas dessa viagem iniciática, ligando-a a outros percursos, através da intertextualidade que Morrison subtilmente tece com mitos africanos e lendas greco-romanos. O meu objetivo é proporcionar uma análise mais profunda da jornada de Milkman, recuperando interpretações à luz do mito, por um lado, e sugerindo leituras inovadoras, numa perspetiva antropológica, por outro. Para tanto, recorro às opiniões de críticos abalizados, como Herbert Rice ou William Samuels, a textos científicos de especialistas em Antropologia, entre os quais destaco Mircea Eliade ou Anne Bancroft, sem esquecer, naturalmente, as revelações que Morrison fez em diversas entrevistas.

2. A descida à caverna: da escuridão ao nascimento

A primeira etapa da viagem de Milkman é Danville, a cerca de duzentas e quarenta milhas a nordeste de Pittsburgh. Trata-se de uma localidade típica do sul dos Estados Unidos, numa paisagem monótona e quase plana, pontilhada por fazendas e lugarejos (Morrison, 1995: 246). Há mais de cinquenta anos, o avô de Milkman, Jake Macon Dead I, um homem empreendedor, vindo do nada, transformara um lote de terra na invejável Lincoln's Heaven:

Macon Dead was the farmer they wanted to be, the clever irrigator, the peach-tree grower, the hog slaughterer, the wild-turkey roaster, the man who could plow forty in no time flat and sing like an angel while he did it. He had come out of nowhere, as ignorant as a hammer and broke as a convict, with nothing but papers, a Bible, and a pretty black-haired wife, and in one year he'd leased ten acres, the next ten more. Sixteen years later he had one of the best farms in Montour Country. A farm that colored their lives like a paintbrush and spoke to them like a sermon. (Morrison, 1995: 256)

Este passo não destoa da importância que a terra sempre assumiu na economia e na cultura norte-americanas, como sinónimo de êxito, estatuto e mesmo cumprimento de um desejo divino de progresso no Novo Mundo (Nye, 1966: 258-259). Agora que, após a Guerra Civil, uma parcela da propriedade começava a passar para as mãos dos negros, os vizinhos euro-americanos sentiam o seu poder ameaçado. A família Butler, cobiçando a bem sucedida quinta, monta-lhe um longo cerco, que culmina com Jake Macon Dead I assassinado a tiro. Desaparece, assim, ingloriamente, o primeiro símbolo do orgulho e sucesso negros na região.

Milkman sabe que, nas imediações da propriedade do avô, se situa a caverna onde, suspeita, ainda se encontra o ouro do garimpeiro. Para conhecer a localização correta, procura Circe, uma velha criada dos Butler, que tomara conta dos órfãos Macon Dead II e Pilate Dead, após o homicídio do fazendeiro afro-americano. Depara-se-lhe uma mulher idosa, com ar perturbado, e rodeada de cães ferozes: “Beside the calm, sane, appraising eyes of the dogs, her eyes looked crazy. Beside their combed, brushed gun-metal hair, hers was wild and filthy. (...) out of the toothless mouth came the mellifluous voice of a twenty-year-old girl” (Morrison, 1995: 261).

Existe uma nítida relação de intertextualidade endoliterária entre esta mulher negra e a personagem homónima da *Odisseia*, de Homero. Ambas vivem isoladas, uma na quinta de Danville, outra na ilha de Ea, no Lácio; a velha afro-americana protege-se com os cães da raça germânica Weimaraner, pertença dos falecidos patrões, ao passo que a figura homérica conseguia transformar seres humanos em porcos, leões ou outros animais; finalmente, enquanto a primeira revela a Milkman a localização da caverna, a segunda indicara a Ulisses o caminho para o Hades (Yarnall, 1994: 9-25).

Na posse de indicações que lhe permitem localizar a Hunters Cave e, com alguma sorte, o tesouro oculto, Milkman prepara-se para descer à caverna. Trata-se de uma viagem com traços de ritual iniciático, que apresenta três fases: despojamento, prova de força, e imersão no escuro (Samuels e Hudson-Weems, 1990: 271). Em primeiro lugar, o explorador teve de retirar os sapatos e as meias, enrolando as calças, para atravessar um ribeiro com três pés de profundidade (Morrison, 1995: 271). Wilfred Samuels e Clenora Hudson-Weems, numa opinião que perfilho, defendem que este simples gesto é simbólico, pois evoca a *humildade* do iniciado, que se descalça antes de entrar num terreno sagrado ou lugar onde decorrerá o teste (Samuels e Hudson-Weems, 1990: 66).

Em segundo lugar, Milkman percorre um pedregoso trilho de caçadores, correspondente, no contexto de rito de passagem, à chamada *prova de força*, que o iniciado deve ultrapassar para ser considerado um homem válido da tribo (Kessler, 1974: 148). O jovem

ressente-se do esforço, e não deixa de se comparar desfavoravelmente ao pai e tia que, mesmo em crianças, escalariam aquele percurso sem dificuldade: “That was the path the hunters used and that Pilate and his father had also used. None of them tore their clothes as he had, climbing twenty feet of steep rock” (Morrison, 1995: 273). Com as roupas citadinas rasgadas, o luxuoso relógio partido, os caros sapatos Florsheim empapados, torna-se quase ridícula a desadequação do explorador, ainda demasiado preso ao meio urbano.

Numa terceira etapa do ritual, Milkman, segurando um isqueiro, mergulha na escuridão da caverna, um lugar assustador, povoado apenas por morcegos, e onde tesouro algum o aguarda: “At the bottom of the hole he saw rocks, boards, leaves, even a tin cup, but no gold. Stretched out on his stomach, holding the lighter in one hand, he swept the bottom with the other, clawing, pulling, fingering, poking” (Morrison, 1995: 274). Em minha opinião, esta etapa da viagem evoca os rituais pré-históricos de iniciação dos jovens do clã. Segundo a antropóloga Anne Bancroft, nessa era remota da História humana, o iniciado desceria, através de galerias labirínticas, até à câmara mais profunda da caverna. Deslocar-se-ia sozinho e sem levar consigo qualquer archote ou fonte luminosa. Aí permaneceria durante algum tempo, talvez mesmo dias, na escuridão total, testando a capacidade de resistir ao medo e de alertar os sentidos para qualquer perigo (Bancroft, 1987: 29-30). Tais qualidades — coragem e vigilância — poderiam um dia salvar-lhe a vida, durante uma caçada ou confronto com membros de uma tribo rival, por exemplo.

Numa perspetiva que complementa esta, o antropólogo Mircea Eliade afirma que, na mente do homem pré-histórico, a caverna era equiparada ao *corpo da terra-mãe*. Assim, a descida às profundezas correspondia a um regresso ao útero, e a ascensão ao nascimento para a realidade social da tribo (Eliade, 1989: 145-146). As palavras de Morrison, numa entrevista concedida a Anne Koenen, corroboram esta ideia:

This man, Milkman, has to walk into the earth — the womb — in that cave, then he walks the surface of the earth and he can relate to its trees — that’s all very maternal — then he can go into the water which is untrustworthy, then he can bathe and jump into the water, then he can get to the air. (...) Those are the stopped physical stations of his process, his rites of passage. (Koenen, 1994: 76)

Apesar de ter sobrevivido à prova, a expedição de Milkman falha pois não encontra o ouro, que constitui, afinal, o objetivo maior da sua busca. No entanto, a viagem encontra-se apenas no início, e o jovem tem ainda pela frente um longo caminho de aprendizagem. Só no ritual seguinte, a caçada em grupo, Milkman se ambientará à realidade do sul, tão diferente da de Michigan, e à convivência com os negros que aí residem e labutam.

3. O ritual da caçada: comungar com a terra e com os homens

O desapontamento de Milkman por não ver brilhar o tesouro na caverna leva-o a colocar uma nova hipótese: será que a tia Pilate transportou consigo a riqueza, aquando da fuga de Danville para Shalimar, uma localidade mais a sul, no estado da Virgínia? (Morrison, 1995: 280). Sem desistir da busca, o aventureiro prossegue a sua viagem de imersão, cada vez mais distante de casa, embrenhado numa terra habitada por gente rude, descendente de escravos. No lugarejo de destino, Milkman verifica que é preciso conquistar o respeito através do mérito, pois a fortuna e o estatuto pouco valem:

He wondered why black people ever left the South. Where he went, there wasn't a white face around, and the Negroes were as pleasant, wide-spirited and self-contained as they could be. He earned the rewards he got there. None of the pleasantness was directed at him because of his father, as it was back home, or his grandfather's memory, as it was in Danville. (Morrison, 1995: 282)

Um dos habitantes locais, Omar, coloca a Milkman um desafio que corresponderá a uma nova prova do ritual iniciático masculino, a participação numa caçada:

"You pretty good with a bottle. How you with a shotgun?"
 (...)
 "Best shot there is," Milkman lied.
 "That so?"
 "Yeah, it's so".
 "Some of us is going hunting later on. Care to join us?"
 (Morrison, 1995: 291)

Juntamente com os seus companheiros, liderado por King Walker e por outros homens mais experientes, Milkman interna-se na floresta escura de Blue Ridge. Pela primeira vez na vida maneja uma carabina Winchester de calibre 22, e sente a excitação de perseguir uma presa, um lince aguerrido, com todos os riscos implícitos. Nesta como em qualquer outra caçada, colaborar, obedecer às ordens do líder, e usar todos os sentidos são qualidades essenciais, como Milkman verifica (Morrison, 1995: 301). Ao mesmo tempo, desperta dentro do jovem negro uma forte sintonia com a terra que os antepassados tinham pisado:

(...) he found himself exhilarated by simply walking the earth. Walking it like he belonged on it; like his legs were stalks, tree trunks, a part of his body that extended down down down into the rock and soil, and were comfortable there — on the earth and on the

place where he walked. And he did not limp. (Morrison, 1995: 304)

A caçada conclui-se com a morte, esquartejamento do lince e distribuição das várias partes pelos intervenientes. A Milkman é dada a honra de arrancar o coração do animal, órgão nobre por excelência, símbolo da vida, da força e da alma (Rice, 1996: 66). Tal como a descida à gruta, também este evento tem origem no passado mais longínquo do ser humano. O bosque, com os seus perigos e escuridão, lembra os ritos de passagem a que muitos jovens são ainda submetidos nas sociedades tribais. Como afirma o antropólogo Bernardo Bernardi, viver durante algum tempo nas regiões mais inóspitas da terra-mãe é um teste que traz ao de cima a coragem do indivíduo, desperta o instinto de sobrevivência, e obriga-o a refletir sobre si (Bernardi, 1988: 97).

Após o teste da caçada, Milkman adquire uma nova consciência de si, um certo orgulho nas capacidades próprias, e está em condições de reformular os seus objetivos. O jovem deixa a *terra-lucro* (simbolizada pela comodidade burguesa que o pai lhe proporciona e pelo suposto ouro) e descobre a *terra-mãe* (a herança espiritual, que surgirá sob a forma de uma canção infantil, em Shalimar, Virgínia).

4. A canção de Solomon: uma pequena epifania

À medida que recolhe pistas para encontrar o ouro desaparecido, Milkman absorve conhecimentos acerca da história dos antepassados, com particular destaque para as figuras do avô, Jake Milkman Dead I, e para o misterioso bisavô, o patriarca Solomon. Trata-se de um processo de aprendizagem semelhante ao efetuado ontem e hoje no seio das comunidades de pequena escala, em África e nas Américas, através do qual as crianças e os jovens aprendem com os mais velhos a história da família e da tribo (Menchaca, 2001: 302). No caso específico de Milkman, as informações resultam da conversa com os habitantes do sul; dos relatos de Circe e da mestiça Susan Byrd; e sobretudo de uma enigmática canção infantil, a “Song of Solomon”, que dá título à obra.

O aventureiro escutara pela primeira vez essa balada melancólica quando era ainda menino, e recorda o verso: “O Sugarman don’t leave me here”. Contudo, as crianças de Shalimar, que observa nas suas brincadeiras e jogos, entoam as palavras de uma forma diferente: “Solomon don’t leave me here” (Morrison, 1995: 324). Milkman apercebe-se, com espanto, da omnipresença daquele nome na região: “Everybody in this town is named Solomon, he thought wearily. Solomon’s General Store, Luther Solomon (...), Solomon’s Leap, and now the children were singing ‘Solomon don’t leave me’ instead of *Sugarman*” (Morrison,

1995: 326). Sem papel nem lápis, Milkman memoriza a enigmática canção, de que reproduzo as principais estrofes:

Jake the only son of Solomon
Come booba yalle, come booba tambee
Whirled about and touched the sun
Come konka yalle, come konka tambee

.....

Black lady fell on the ground
Come booba yalle, come booba tambee
Threw her body all around
Come konka yalle, come konka tambee

Solomon and Rhyna Belali Shalut
Yaruba Medina Muhammet too
Nestor Kalina Saraka cake.
Twenty-one children, the last one Jake!

O Solomon don't leave me here
Cotton balls to choke me
O Solomon don't leave me here
Buckra's arms to yoke me.
(Morrison, 1995: 328)

De súbito, faz-se luz na mente de Milkman — semelhante às revelações ou epifanias que surpreendem um iniciado, durante um ritual ou cerimónia religiosa (Polanyi e Prosch, 1977: 130) — e este compreende o significado da canção que memorizara: “These children were singing a story about his own people! He hummed and chuckled, as he did his best to put it all together” (Morrison, 1995: 325). A canção refere-se especificamente ao seu bisavô, Solomon, companheiro de Rhyna, da qual teve vinte e um filhos, um dos quais Jake Macon Dead I, mencionado na primeira estrofe.

As várias quadras registam e celebram a saga de Solomon, o escravo que teria voado de regresso a África, planando bem acima da plantação e dos espantados negreiros — um mito que há centenas de anos integra o folclore afro-americano e a sua memória étnica (Scott, 2007: 27). Contudo, durante o percurso, o homem voador não consegue transportar consigo o filho, Jake, que tomba, nem a esposa, Rhyna, que permanece em terra, carpindo o seu amado: “O Solomon don't leave me” (Morrison, 1995: 328).

Milkman é esclarecido em maior pormenor por Susan Byrd, uma mestiça que encontra durante a viagem: “He flew. You know, like a bird. Just stood up in the fields one day, ran up some hill, spun around a couple of times, and was lifted up in the air. Went right on back to whatever it was he came from” (Morrison, 1995: 347-348). Desta forma, Morrison evoca

literariamente o mito afro-americano do homem voador, como explica numa entrevista a Thomas LeClair:

That was always part of the folklore of my life; flying was one of our gifts. I don't care how silly it may seem. It is everywhere — people used to talk about it, it's in the spirituals and gospels. Perhaps it was wishful thinking — escape, death, and all that. But suppose it wasn't. What might it mean? I tried to find out in *Song of Solomon*. (LeClair, 1994: 26-27)

O mito do africano voador tem origem no sul, embora posteriormente fosse transportado para norte, no contexto das migrações, e constitui um poderoso símbolo de libertação do domínio branco, e de esperança numa vida melhor, algures no continente negro (Rice, 1996: 67). A ideia de voar de regresso a África, ou apenas para fora dos limites da propriedade escravagista, seria apelativa para quem vivia sob o jugo da escravatura, pelo que histórias como a de Solomon facilmente se disseminariam e cativariam a imaginação dos mais novos.

Os críticos de Morrison não referem a origem antropológica desta crença, comum entre certas tribos africanas. O desejo de voar está profundamente ligado ao mito e à religião: basta pensar em Dédalo e no seu pai, escapando com asas de cera do labirinto de Creta; na subida ao céu de Hoang-Ti, o imperador chinês; na ascensão de Jesus Cristo; nas aparições da Virgem Maria, sempre flutuando acima do solo; nas levitações dos mestres hindus ou dos xamãs ameríndios (Eliade, 1980: 130). Os livros de antropologia e os textos sagrados são pródigos em homens, heróis e deuses que sabem vencer a gravidade terrestre e desafiar as alturas. Na mesma linha, é curioso verificar que, em muitas línguas, as divindades estão associadas ao céu, ao ar ou ao vento, até no próprio nome que lhes é atribuído: os Maoris chamam ao seu deus principal Iho (elevado); os Akposo designam-no por Uwoluwo (o que está no alto); os Sel'knam batizaram-no de Habitante do Céu; os Ainous prestam culto ao Chefe divino do Céu, etc. (Eliade, 1980: 130).

Porquê este fascínio pelo céu? Os trovões, o mistério dos fenómenos meteorológicos e a sua espetacularidade conduziram à ideia do céu como um espaço transcendente, a morada perfeita para os deuses. Os antropólogos recolheram numerosas lendas que preconizam a possibilidade de um regresso ao céu, através da escalada à Montanha Mágica; usando as flechas como degraus para as nuvens; ou por meio do voo xamânico. Esse paraíso era designado por Casa dos Deuses do Ar, isto é, o céu, por oposição à casa dos homens, ou seja, a terra (Eliade, 1980: 77). Evidentemente, trata-se de um mito patriarcal, e não é por acaso, parece-me, que no romance, Solomon voa, mas o filho (não iniciado) e a sua esposa, Rhina,

ficam (Morrison, 1995: 348).

Conhecedor, agora, das suas raízes, Milkman regressa ao Michigan para partilhar com a família a revelação do enigma da “*Song of Solomon*”. O homem que volta à cidade é substancialmente distinto daquele que partira. Ao longo da jornada, compreendeu a saga dos antepassados; libertou-se da dependência da figura paterna, Macon Dead II; venceu o medo de descer à escuridão da caverna desconhecida; experienciou a sintonia com a terra-mãe; ultrapassou o egoísmo e interagiu com outros negros, por exemplo, na caçada; interiorizou que o respeito não se conquista através de bens materiais, mas sim por meio da coragem e da inteligência.

Um típico ritual de passagem pressupõe essas ou outras *transformações* (uma palavra-chave no contexto da iniciação) na maneira de pensar e de agir do neófito, vistas como vantajosas para o crescimento do indivíduo e para a estabilidade social. Como afirma o antropólogo Douglas Davies, este tipo de ritual concorre para que o indivíduo experiencie um sentido de comunidade e renove os laços que o ligam aos restantes membros (Davies, 1994: 2-4). Neste sentido, a viagem de Milkman constituiu um êxito e um motivo de orgulho para si e para os familiares.

5. Conclusão: uma viagem intertextual

Para contar a jornada de Milkman, Toni Morrison recorre frequentemente à intertextualidade, sobretudo com mitos negros e greco-latinos que, com humor, reescreve. Esta estratégia, mais do que um exercício de fantasia por parte de uma autora talentosa, representa a reclamação para o universo afro-americano de histórias alheias, uma memória subversiva que, num novo contexto, adquire outros significados e desafia a competência interpretativa do leitor (Krumholz, 1993: 551). Como Morrison explica: “I want to subvert his [the reader’s] traditional comfort, so that he may experience an unorthodox one: that of being in the company of his literary imagination” (Morrison, 1984: 387).

A presença de lendas como a de Circe e de mitos como o do homem voador no romance *Song of Solomon*, evocadas através da intertextualidade, é completada pelo poder efabulador de personagens como Pilate e Circe, verdadeiras *griots* e, como tal, transmissoras da *memória*, base identitária essencial a uma comunidade que deseja saber de onde veio. São estas mulheres que conduzem Milkman ao verdadeiro ouro: o conhecimento das raízes ancestrais. Este saber enquadra histórica e culturalmente tanto o indivíduo como a comunidade, pois do passado vêm as tradições, os modos de vida, o espírito que dá força e razão de ser a um determinado grupo.

Saldou-se com sucesso a viagem do jovem negro, em muitos aspetos semelhante às jornadas empreendidas pelos iniciados das tribos africanas, em busca da identidade e do espírito do grupo; às demandas dos heróis da cultura greco-latina, como Édipo, Tristão ou Rómulo; às viagens empreendidas por Tom Sawyer, Ishmael, Ike McCaslin, ou outras personagens célebres das páginas da literatura norte-americana. No dizer de Morrison, *Song of Solomon* foi a sua “giggle (in Afro-American terms) of the proto-myth of the journey to manhood” (Morrison, 1989: 29). Uma viagem que, no caso de Milkman, representou não apenas um percurso no espaço e no tempo, mas também em busca de si e dos outros — ou de si *no* outro que é a família e o grupo étnico.

Obras Citadas

- Bancroft, Anne. *Origins of the Sacred: The Way of the Sacred in Western Tradition*. New York: Arkana, 1987.
- Bernardi, Bernardo. *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*. Trad. A. C. Mota da Silva. Lisboa: Edições 70, 1988.
- Davies, Douglas. “Introduction: Raising the Issues”. *Rites of Passage*. Ed. Jean Holm and John Bowker. London: Continuum P, 1994. 1-9.
- Eliade, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Trad. Rogério Guimarães. Lisboa: Livros do Brasil, 1980.
- Kessler, Evelyn S. *Anthropology: The Humanizing Process*. Boston: Allyn and Bacon, 1974.
- Koenen, Anne. “The One Out of Sequence”. *Conversations with Toni Morrison*. Ed. Danille Taylor-Guthrie. Jackson: UP of Mississippi, 1994. 67-83.
- Krumholz, Linda. “Dead Teachers: Rituals of Manhood and Rituals of Reading in *Song of Solomon*”. *Modern Fiction Studies*, n. 39 (3-4), 1993: 551-574.
- Kubitschek, Missy Dehn. *Toni Morrison: A Critical Companion*. Westport: Greenwood P, 1998.
- LeClair, Thomas. “The Language must not Sweat: A Conversation with Toni Morrison”. *Conversations with Toni Morrison*. Ed. Danille Taylor-Guthrie. Jackson: UP of Mississippi, 1994. 119-128.
- Menchaca, Martha. *Recovering History, Constructing Race: The Indian, Black and White Roots of Mexican Americans*. Austin: U of Texas P, 2001.
- Morrison, Toni. *Song of Solomon* [1977]. London: Everyman’s Library, 1995.
- . “Memory, Creation, and Writing”. *Thought: A Review of Culture & Ideas*, n. 59, 1984: 380-392.
- . “Unspeakable Things Unspoken: The Afro-American Presence in American Literature”. *Michigan Quarterly Review* 28 (1), 1989: 1-34.

- Nye, Russel B. *This Almost Chosen People: Essays in the History of American Ideas*. East Lansing: Michigan State UP, 1966.
- Polanyi, Michael, and Harry Prosch. *Meaning*. Chicago: U of Chicago P, 1977.
- Rice, Herbert William. *Toni Morrison and the American Tradition: A Rhetorical Reading*. New York: Peter Lang, 1996.
- Samuels, Wilfred, and Clenora Hudson-Weems. *Toni Morrison*. Boston: Twayne, 1990.
- Scott, Joyce Hope. "Song of Solomon and Tar Baby: The Subversive Role of Language and the Carnavalesque". *The Cambridge Companion to Toni Morrison*. Ed. Justine Tally. Cambridge: Cambridge UP, 2007. 26-42.
- Tindall, George, and David E. Shi. *America: A Narrative History*. New York: Norton, 1989
- Yarnall, Judith. *Transformations of Circe: The History of an Enchantress*. Urbana: U of Illinois P, 1994.

Resumo

O terceiro romance da escritora afro-americana Toni Morrison, vencedora do Prémio Nobel da Literatura em 1993, relata a viagem do negro Milkman ao sul profundo dos EUA. Esse percurso, argumento, assemelha-se menos a uma aventura em busca de um tesouro oculto, e mais a um ritual iniciático, tal como é ainda hoje praticado em diversas tribos africanas e noutras sociedades em pequena escala. Neste artigo, exploro as várias etapas dessa jornada, *comparando-a* com ritos e mitos: a descida à gruta; o contacto com as histórias e lendas dos antepassados; a caçada masculina; e a epifania através uma canção. O meu objetivo é proporcionar uma visão diferente da viagem de Milkman: a) sugerindo uma leitura inovadora, numa perspetiva antropológica; b) ligando-a a outros percursos, através da intertextualidade que Morrison tece com mitos africanos e lendas greco-romanos. Para tanto, recorro às opiniões de críticos morrisonianos abalizados; a alguns ensaios importantes de especialistas em Antropologia; e às considerações que Morrison tece em diversas entrevistas.

Abstract

Song of Solomon, by Toni Morrison, narrates the journey of African American Milkman to the Deep South. I argue this voyage resembles the rites of passage in African tribes. I explore the several phases of this journey, comparing it to other rites: the immersion in the cave; the contact with the secret legends of the ancestors; the hunting; the epiphany. My main objective is to suggest a new reading of the novel, within the frame of Anthropology and intertextuality.